

Ceticismo sobre plano mexicano

NOVA YORK — A comunidade financeira norte-americana já vê com ceticismo a proposta apresentada pelo J.P. Morgan de securitizar parte da dívida externa mexicana transformando-a em títulos com aval do Tesouro dos Estados Unidos e que seriam negociados com o deságio nominal de mercado em até 50%. Segundo a edição de ontem do jornal **The New York Times**, a iniciativa não foi bem aceita pelos grandes bancos norte-americanos (que detêm a maior parcela do crédito mexicano) porque os efeitos contábeis em seus livros-caixa seriam excessivamente negativos. “Para a maior parte consultada dos representantes de grandes bancos norte-americanos — afirma o jornal — não há vantagem alguma em comprar os novos papéis do

governo mexicano para substituir os antigos.”

Os grandes bancos dos EUA vêm ressaltando que a conversão da dívida mexicana em títulos significa uma perda permanente de 25 a 50% de seus créditos com aquele país. “Caso esses títulos sejam ainda negociados com o desconto do mercado, as perdas dos bancos poderão exceder aos 50%”, anunciou um porta-voz de uma importante instituição financeira nova-iorquina. Ele acrescentou que a desvantagem aumenta quando se considera que qualquer banco detentor de papéis da dívida mexicana poderá vendê-los imediatamente no mercado secundário recebendo, em troca, 50% de seu valor em dinheiro vivo.

Para os especialistas, a proposta

do **Morgan** terá, entretanto, boa aceitação junto aos bancos de portes pequeno e médio — os bancos regionais norte-americanos interessados em se livrar o quanto antes desses débitos duvidosos ao Terceiro Mundo. “Por isso — revelou a fonte que não foi identificada pelo jornal — acreditamos num sucesso apenas parcial desse plano, que deverá resgatar a metade ou ainda menos dos anunciados US\$ 20 bilhões da dívida externa mexicana.”

O próprio **Times** assinala que essas informações contradizem com o otimismo do **Morgan**. Jack Morris, o porta-voz oficial da instituição, declarou que as propostas de conversão já enviadas “foram bem aceitas pela comunidade financeira”.